

## A PRODUÇÃO SOCIAL DO HUMANO E A DETERMINAÇÃO DA SAÚDE E DA DOENÇA

Guilherme Albuquerque<sup>1</sup>

A vida humana se produz em sociedade. Para obter tudo o que necessitam para sobreviver os homens, em conjunto, produzem roupas, alimentos, moradias, meios de transporte, meios de comunicação, ferramentas, máquinas, fábricas etc.

A produção disso tudo só é possível pela divisão social do trabalho. Alguns produzem alimentos, outros produzem cuidados médicos, outros produzem automóveis, computadores, máquinas, moradias etc. e, com isso, todos conseguem ter à sua disposição tudo o que uma pessoa isoladamente não conseguiria. Cria-se, portanto, uma divisão social do trabalho e uma relação de interdependência entre os diversos setores da produção. Uma pessoa, isoladamente, não conseguiria viver na condição alcançada pela humanidade, pois não conseguiria produzir tudo o que em sociedade torna-se possível. A condição humana, portanto é dada nessa relação de interdependência.

A sobrevivência humana, no entanto, diferente da dos outros animais, não se dá através de uma relação instintiva de subordinação à natureza. É da natureza, também, que o homem retira sua sobrevivência, mas, através de sua ação intencional o homem modifica a natureza, subordinando-a a seus desígnios e, assim, produzindo seus meios de sobrevivência. Não apenas extraindo diretamente da natureza o que necessita, mas produzindo objetos que não existiam na natureza, através da modificação da mesma.

Se a humanidade só retirasse o que a natureza oferece, como no caso dos animais, em tempos de frio extremo, de seca, de “entressafas”, morreríamos de frio, sede ou fome e não conseguiríamos jamais voar, explorar o espaço, ou armazenar informações num computador, nem, muito menos, desenvolver a nanotecnologia. Ao modificar a natureza, o homem acaba por controlar seus movimentos de forma a adequá-la a suas necessidades.

Assim, a vida humana se produz conforme se organiza em sociedade a produção dos meios de sobrevivência. A vida humana se realiza dentro dos limites e possibilidades que o desenvolvimento da produção social estabelece. Depende, portanto, do grau de desenvolvimento e da forma como a própria sociedade se organiza.

O ser humano difere dos demais animais, portanto, por produzir seus meios de sobrevivência e por fazê-lo através do “trabalho humano”, que é uma atividade direcionada a um fim.

Os demais animais (formiga, abelhas, castor, João-de-Barro etc.) também trabalham, mas sempre da mesma forma, “obedecendo” ao instinto da espécie, subordinados à natureza. O ser humano não obedece ao instinto, subordina a natureza a seu desejo e necessidade. A partir de uma idéia, realiza movimentos no sentido de torná-la realidade. Idealiza um objeto, e depois atua sobre a natureza no sentido de produzi-lo. Cultiva plantas ou cria animais, modifica-os para sua alimentação (do leite faz a manteiga, iogurte, etc.), para vestir-se (do couro, da lã de carneiro, da seda, faz roupas, sapatos, sacolas etc.); utiliza plantas como o algodão também para produzir suas roupas, utiliza fungos, por exemplo, para a produção de medicamentos; constrói moradias utilizando areia, fazendo tijolos de barro, cimento e cal queimando as rochas, fundindo ligas metálicas, fazendo vidro a partir da sílica; produz meios de transporte que o levam muito longe e rápido sem exaurir suas energias, que lhe permitem navegar e voar; produz meios de comunicação que lhe permitem ver e conversar, em tempo real, com alguém que esteja do outro lado do globo terrestre; constrói aparelhos que lhe permitem enxergar microscopicamente ou enxergar a distâncias muitíssimo longas; produz um código de comunicação, expressando idéias através de símbolos (abstrações) orais, as palavras; registra essas idéias através da palavra escrita, estendendo, com isso, infinitamente sua memória.

Com tudo isso, com a utilização dos meios de vida que produz, a humanidade consegue produzir cada vez mais recursos com menor esforço, garantindo a sobrevivência de mais gente por mais tempo. Reduz a mortalidade precoce, aumenta a longevidade, aumentam as possibilidades de desenvolvimento inclusive do saber, uma vez que cada um vive mais tempo.

É fundamental percebermos, no entanto, que cada coisa que existe na natureza, uma vez tomada pelo homem para um determinado fim, torna-se objeto da ação humana, torna-se objeto humano. São novos objetos, mesmo que não tenham sido modificados em sua forma e conteúdo, pois modificaram-se em seu significado. Ganham um novo significado pela ação humana. Um galho de árvore, com a ação humana, vira alavanca, arco, flecha, bengala, espeto; o movimento das águas, devido à gravidade, torna-se energia hidráulica que será transformada em energia elétrica.

Ou seja, ao produzir objetos e utilizá-los para viver, o homem produz uma nova realidade e se produz com ela. Isso quer dizer que o homem é produto da civilização, é um produto social e não mais somente da natureza. O ser humano, portanto, não nasce pronto. Vai adquirindo a condição humana com aquilo que a sociedade produziu. É isso que lhe permite objetivar em si aquilo que caracteriza a condição de humanidade. O ser humano vive 100 anos, enxerga o que ocorre no outro lado do mundo, voa, constrói o colisor de hádrons para tentar compreender a origem

---

<sup>1</sup> Professor assistente do Departamento de Saúde Comunitária, Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

do universo, mas esta condição não está dada pela natureza ao nascer, como está dada aos pássaros a condição de voar.

O homem continua sendo um ser biológico, mas sobre o qual se depositam inúmeras produções sociais, culturais, que o caracterizam, que o objetivam muito diferente dos demais animais. É um ser, agora, que precisa utilizar os objetos humanos produzidos para adquirir o grau de humanidade que a humanidade atingiu. Precisa ser educado, precisa aprender a utilizar o garfo, a faca, a leitura, o computador, os automóveis, os antibióticos, ou seja, tudo aquilo que a sociedade produziu e exige que ele utilize para poder viver o quanto tornou possível e realizar aquilo que o gênero humano realiza: voar, enxergar do outro lado do mundo, guardar suas memórias indefinidamente etc.

Que tipo de vida, o quanto poderá viver, que tipo de desgaste de energia, de possibilidades de desfrute dos bens produzidos, que bens estarão disponíveis, dependem do grau de desenvolvimento adquirido pelas forças produtivas da sociedade em que vive. Ou seja, tudo na vida em sociedade, tudo na vida humana, é determinado pelo grau de desenvolvimento alcançado pela sociedade, é determinado socialmente.

Mas o fato de ser determinado socialmente não inclui apenas a questão do grau de desenvolvimento das forças produtivas, também depende das relações de produção, ou seja, de como estão organizadas na sociedade não somente as relações dos homens com a natureza, mas dos homens entre si.

Em sociedades de classes, as relações que se estabelecem entre as classes determinam diferentes possibilidades e restrições ao desenvolvimento da vida e, conseqüentemente, diferentes formas ou possibilidades de viver, adoecer e morrer. Nessas sociedades, uma classe detém a propriedade dos meios de produção e outra classe detém apenas sua força de trabalho. A classe que não possui meios de produção próprios e, portanto, precisa vender sua força de trabalho para sobreviver, terá maior ou menor desgaste no trabalho e maior ou menor possibilidade de acesso aos produtos da produção social, na dependência da forma como se insere na produção e no consumo.

Se entendermos que saúde significa estar vivo e em condição de nos objetivarmos como humanos, realizarmos em cada um de nós o que a humanidade já estabeleceu como possibilidade (viver 100 anos, voar, etc.), torna-se muito claro que essa objetivação depende da possibilidade de apropriação daquilo que a humanidade produziu. O que estamos querendo dizer é que a saúde, a possibilidade de viver por todo o tempo e na qualidade que caracteriza o gênero humano, depende do acesso ao produto da civilização e esse acesso se dá para cada grupo, de diferentes formas, na dependência de como se organiza a vida em cada sociedade.

Essa é a essência da idéia da determinação social da saúde e da doença: a forma como se organiza produção da vida em sociedade determina diferentes formas de viver, adoecer e morrer, para os diferentes grupos sociais.

Numa determinada sociedade, quando as forças produtivas se desenvolvem, na maioria das vezes reduz-se o desgaste de energia do trabalhador para a produção, melhoram as possibilidades de realização da vida dos indivíduos, aumenta a expectativa de vida, modificam as causas de adoecimento e morte. Se, por exemplo, olharmos para o Brasil colonial e compararmos com a atualidade, veremos que a expectativa de vida aumentou significativamente e que, se naquela época as causas de morte estavam muito ligadas às doenças infecciosas, hoje estão ligadas mais à violência e às doenças crônico-degenerativas.

Num mesmo momento histórico, diferentes formas de organizar as sociedades também repercutem de forma diversa sobre a saúde, seja pela diferença no grau de desenvolvimento das forças produtivas, seja pela diferença na forma de se estabelecer as relações sociais. Os EUA possuem melhores condições de saúde do que os países africanos em geral, devido, principalmente, ao maior grau de desenvolvimento de suas forças produtivas, que faz com que os norte americanos tenham menor desgaste na produção e maior acesso ao consumo de produtos necessários para manter a saúde, como alimentos, medicamentos etc. Por outro lado, os indicadores de saúde dos EUA são muito inferiores aos do Canadá (que possui um grau de desenvolvimento das forças produtivas no máximo similar ao dos EUA) e são muito inferiores, também, aos indicadores de saúde de Cuba que, evidentemente, possui um grau de desenvolvimento dos meios de produção extremamente inferior. O que determina a diferença, nesse caso, são as relações de produção, que nos EUA são marcadas pela extrema desigualdade, com mínima compensação por parte das políticas públicas.

Finalmente, numa sociedade de classes, num mesmo momento histórico, o modo de viver, adoecer e morrer das diferentes classes é bastante diverso. Numa sociedade como a nossa, por exemplo, já se sabe do que mais adoecem e morrem, por exemplo, os médicos, os bancários, os banqueiros, os pedreiros, os engenheiros, os estivadores, os trabalhadores de telemarketing, os desempregados. Têm uma expectativa de vida bastante diversa e adoecem e morrem por causas bastante distintas, devido ao modo como se inserem no mundo da produção e no consumo.

Médicos adoecem e morrem mais de doença cardiovascular e suicidam-se mais que a população em geral. Pedreiros morrem por queda dos prédios em construção, operadores de telemarketing apresentam maior incidência de doenças ósteo-articulares. Banqueiros têm mais chance de viver mais e mais plenamente que os demais.

Enfim:

- a doença ocorre de modo diferente nas diferentes sociedades, nas diferentes classes e estratos de classes sociais, apesar das semelhanças biológicas entre os corpos do seres humanos que as compõem.
- a saúde, entendida como a possibilidade de objetivação em cada indivíduo do grau de humanidade que a humanidade produziu, apresenta-se de modo diferente nas diferentes sociedades, nas diferentes classes e estratos de classes sociais, apesar das semelhanças biológicas entre os corpos do seres humanos que as compõem.
- a vida humana é determinada socialmente em todas as suas dimensões, inclusive a da saúde.

**BIBLIOGRAFIA:**

LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

DUARTE, N. Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v.1, t.1.

MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martin Claret, 2004.